

PATRICK HAMILTON
PROYECTO DE ARQUITECTURAS REVESTIDAS

RESIDÊNCIA PAULO REIS

SALA PROJETO FIDALGA
02.04.16-30.04.16





Projecto de arquiteturas revestidas, 2016, vista da exposição, primeira sala, foto: Ding Musa | Redressed architectures, 2016, exhibition view, first room, photo: Ding Musa



Esquerda: Arquiteturas revestidas para a Cidade de Santiago (Edifício #2), 2007, colagem, fotografia P&B, papel contact, 150 x 100 cm, foto: Ding Musa
Left: Redressed Architectures for the City of Santiago (Building #2), 2007, collage, B&W photograph, contact paper, 150 x 100 cm, photo: Ding Musa

Centro: Arquiteturas revestidas (São Paulo #1), 2013, colagem, fotografia P&B, papel contact, 105 x 75 cm
Center: Redressed Architectures (Sao Paulo #1), 2013, collage, B&W photograph, contact paper, 105 x 75 cm

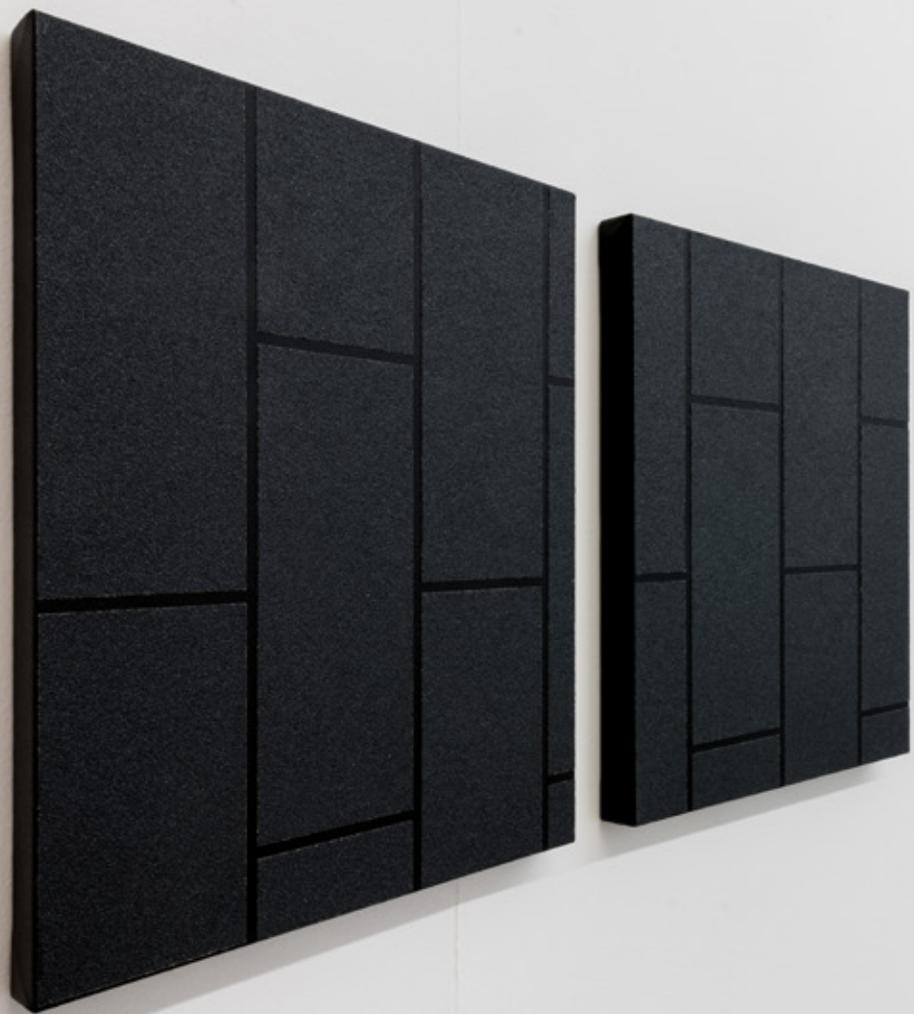


Direita: Pinturas abrasivas #26 e #27, acrílica e lixa s/ tela, 46 x 38 cm, foto: Ding Musa

Right: Abrasive paintings # 26 and #27, acrylic and sandpaper on canvas, 46 x 38 cm, photo: Ding Musa

Arquiteturas revestidas para a cidade de Santiago (Edifício #10), 2008, colagem, fotografia P&B, papel contact, 150 x 100 cm

Redressed Architectures for the City of Santiago (Building #10), 2008, collage, B&W photograph, contact paper, 150 x 100 cm





Equilibrium #1 (Lonco Mapuche), 2012
c-print digital, 105 x 75 cm
segunda sala, foto: Ding Musa
Equilibrium #1 (Lonco Mapuche), 2012
digital c-print, 105 x 75 cm
second room, photo: Ding Musa

CAPITALISMO CORROSIVO

Se a Enciclopédia tivesse sido escrita com um sentido poético ou diretamente sentimental, a ação “corrosão” seria definida como aquela em que um metal retorna ao seu estado natural. O que vemos é que a oxidação alaranjada –seguimos em modo sentimental– é uma tentativa do material voltar à sua verdadeira origem.

A exposição de Patrick Hamilton, “Proyecto de arquitecturas revestidas”, centra-se nas colagens realizadas com base em fotografias de edifícios corporativos das cidades de São Paulo e Santiago do Chile. O exterior do edifício é substituído por uma epiderme estranha: papel *contact* simulando mármore ou madeira. O interior torna-se visível: o dentro do lado de fora, em uma operação psicossomática. Algo parecido com o que fez Kazimir Malevich em seu “Projeto de arranha-céus suprematista para a cidade de Nova York”, de 1924, no qual substituía as fachadas de edifícios de Manhattan por formas abstratas.

Hamilton reveste as arquiteturas, como se diz, com a intenção de expor aquilo que se esconde. Os edifícios de Sanhattan (bairro financeiro de Santiago de Chile) ou da Avenida Paulista são os lugares onde se realizam negócios, conspiram os poderes financeiros e, finalmente, coabitam em torno de uma

mesa os desejos e as ambições do capital. Conversamos sobre dois países em que, atualmente, acumulam-se centenas de casos de corrupção. Imaginemos agora qualquer uma das manchetes desse ano sobre os casos de corrupção corporativa, ilustrada com uma das colagens de Patrick Hamilton, com um arranha-céu coberto por uma superfície de mármore. Desejos e ambições expostas.

O filme “Le Couperet” (“O Corte”, dirigido por Constantin Costa-Gavras, 2005) é um interessante exercício de prestidigitação. Por um lado, o protagonista, Bruno Davert, um trabalhador aplicado demitido de seu emprego por conta de uma reestruturação econômica, que para conseguir um lugar em uma nova empresa, chamada Corporação Arcadia, decide assassinar todos os candidatos à vaga. Ele esconde como pode o seu homicídio seletivo, igual aos desejos eróticos que aparecem camuflados, com os quais o capitalismo desenvolve sua linguagem subliminar através da publicidade. Durante o filme, apareceram em várias cenas anúncios publicitários (sem nome) com mulheres em roupas íntimas. Anatomias nuas.

Citamos Kazimir Malevich como uma inspiração da série apresentada no Projeto Fidalga. No espaço, Patrick Hamilton expõe um *preview* da série

“Pinturas abrasivas”, composta por telas pintadas de preto, sobre as quais aderem papéis de lixa da mesma cor. O idolatrado “Quadrado Negro” suprematista, de Malevitch, com um sentido político (recordemos a missão UNOVIS, grupo artístico fundado em 1919), de diferente signo. Aqui, a intenção de Hamilton é, como em suas “Arquitecturas revestidas”, mostrar a aspereza, a rugosidade velada, em uma manobra inversa à publicitária: o que aparece é a cara “feia”, o rosto corrupto em sua essência. Suas “Pinturas abrasivas” carecem de um contexto, de um arranha-céu de referência, mas situado como progressão de seus trabalhos anteriores, seu significado permanece “no ar”. É a pele do tubarão. O tubarão das finanças. Uma obra mais elementar e mais agressiva. Como a pele de um macilento, que ao roçar provoca feridas, as “Pinturas abrasivas” geram leituras afiadas.

Acobertamento, corrupção, putrefação. O capitalismo selvagem, não silvestre, como o que se eleva nas colinas de Santiago do Chile ou nas planícies de São Paulo, mostra a sua verdadeira face. É uma doença ulterior que brota nas bochechas coradas em forma de pústula.

Juan José Santos, crítico e curador

Abril de 2016